



EDITORIAL

No ano em que o Núcleo de Estudos de Gênero – NEGUEM, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, completa 30 anos de existência, é um prazer comemorar a efeméride e apresentar mais uma edição do Caderno Espaço Feminino. Apesar e por conta de estarmos vivendo tempos tão difíceis na vida brasileira, é ainda mais importante tratar as questões de gênero que atravessam as diferentes dimensões da história, da política, da economia e da cultura na sociedade brasileira.

Conseguimos sobreviver à pandemia, após enfrentar dois anos de adoecimento, luto, espanto e sobressaltos. Buscamos força para construir adaptações no cotidiano acadêmico, preservar e enriquecer, como possível, em trabalho remoto, as atividades de ensino, pesquisa e extensão. Procuramos caminhos para manter as relações que impulsionam as lutas acadêmicas e cotidianas, enquanto os governantes, em sua maioria, não deixaram de demonstrar uma postura negacionista e irresponsável em relação às esferas de suas obrigações.

Tudo isso tem significado um grande desafio. Desafio maior tem sido vivenciar uma afronta permanente às instituições democráticas. Particularmente, o desmonte institucional e o desinvestimento em políticas de educação, saúde, ciência, tecnologia e meio-ambiente no país, aspectos que nos afetam diretamente e tornam ainda mais insuportáveis os números da desigualdade social, inclusive da fome, da violência, e do desamparo governamental em relação às populações mais vulneráveis. Enfrentar tudo isso tem sido difícil e exige respirar fundo.

Mirando as conquistas de países latino-americanos, hoje, conseguimos depositar esperanças nas urnas e na disputa eleitoral que se avizinha. Além disso, todos os dias, é imprescindível reconhecer a garra de nossos esforços de pesquisa. Certamente, isso nos reanima e revela a importância de resistir e reunir forças, sentimento que fica evidente diante do trabalho das colegas **Alejandra Montané Lopez**, Professora Doutora que atua na Faculdade de Educação da Universidade de Barcelona, **Maria Eulina Pessoa de Carvalho**, Professora Doutora do Curso de Pedagogia e do Programa de Pós Graduação

em Educação da Universidade Federal da Paraíba e **Maria Lúcia Vannuchi**, Professora Doutora, colega do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia/MG e integrante do NEGUEM.

O trabalho sensível das organizadoras se revela no DOSSIÊ *Gênero, Educação, Trabalho*, que reúne contribuições significativas de diferentes matrizes teóricas e abordagens metodológicas, provenientes de diversos campos disciplinares e áreas do conhecimento, incluindo artigos que versam sobre gênero no trabalho e na educação. Onze artigos compõem o dossiê, que abre esta edição, introduzido pela apresentação das organizadoras que localizam seus temas e abordagens.

Em seguida, aqui, apresentamos os artigos livres, que exprimem a produção de estudiosos/as da categoria ‘gênero’, em diferentes perspectivas analíticas no que tange aos assuntos, caminhos teóricos e objetos de análise. No campo da Educação, o artigo *As narrativas da “ideologia de gênero” nas mídias sociais e na imprensa: tensionamentos na educação brasileira*, de Kerzia Railane, Elda Alvarenga, Erineusa Maria da Silva, divulga os resultados da pesquisa realizada sobre duzentos e oito reportagens e notícias que abordam as temáticas gênero, diversidade sexual e a denominada “ideologia de gênero”, publicadas em mídias sociais e na imprensa brasileira e do Espírito Santo entre os anos de 2014 e 2020.

Na área da Assistência Social, *O CRAS como espaço de luta: diálogos com Carolina Maria de Jesus* é o título do artigo de Susana Furlan e Maria Rosa Martins de Camargo sobre a origem do Centro de Referência à Assistência Social, e que estabelece um diálogo da instituição com a obra de Carolina Maria de Jesus. Nesse diálogo entre a literatura e a assistência social, com base no livro “Quarto de despejo”, e as mazelas que a escritora sofreu num tempo-espaço social, o artigo exprime reflexões sobre o papel do CRAS e de suas atividades como um importante espaço de lutas e conquistas.

Transitando no campo da psicologia e das representações sociais, o artigo *Cultura do estupro, ideologia e mídia: construindo estereótipos da “vítima ideal”*, de Karoline Kuhn Wurdig, Adriane Rubio Roso, Janine Gudolle de Souza, desvela o objetivo de compreender como a mídia *online* constrói sentidos acerca da violência sexual contra as mulheres, identificando possíveis estratégias ideológicas que podem estar reforçando a cultura do estupro. Empregando a Hermenêutica de Profundidade, as autoras analisam reportagens de um jornal da região sul do Brasil envolvendo estupros de mulheres adultas.

Em perspectiva histórica, enfrentando o apagamento das experiências das mulheres, particularmente em momentos políticos importantes, a memória reconstruída de uma militante baiana contribui para a valorização da história das mulheres e da política brasileira. No artigo - *Pelas veredas da memória: trajetória política e resistência de Iracy Silva Picanço (1959-1966)* -, Alline Jesus Pimentel e Teresa Sacchet investigam a trajetória de Iracy, professora, da sua entrada no movimento estudantil (1959) ao exílio (1966). As memórias da militante comunista são o material privilegiado da análise que aborda desde seu ingresso na política até como sua vida foi afetada durante o golpe e no início do regime empresarial-militar brasileiro.

Na “corda bamba”: a contribuição do funk para o empoderamento feminino, de Pedro Favarini Aires de Lima, Caissa Veloso e Sousa e Fernanda Versiani, é uma abordagem extraída da pesquisa que analisa a contribuição do funk para a situação das mulheres. A partir da percepção das “funkeiras”, com base na discussão de gênero, particularmente nos conceitos de dominação masculina, observa-se o funk como prática marcada pela relação de poder, sugerindo sobretudo interrogações e dúvidas sobre sua contribuição para o empoderamento feminino.

Escrito por Náila Neves de Jesus e Rita Maria Radl-Philipp, o artigo *Vivências marcadas pela transfobia: memória e narrativas de discriminação e violência de mulheres trans e travestis* apresenta uma análise das narrativas de mulheres trans e travestis a respeito das violências vivenciadas em seu cotidiano, a partir da teoria da memória coletiva. Por meio da análise realizada no âmbito da Linguagem e da Memória, procurou-se inferir que as experiências nos diversos espaços sociais são vividas e reconstruídas a partir de marcos sociais da memória pautados na cisheteronormatividade.

Ampliando o ângulo do enfoque teórico, *Estudos decoloniais, transgeracionalidade e violência contra a mulher*, de Raquel Kolberg e Thais Janaina Wenczenovicz, é um artigo que trata da transgeracionalidade da violência contra as mulheres sob as lentes dos estudos decoloniais. Nele, as autoras abordam as origens da subalternização das mulheres e suas ligações com o processo de colonização da América Latina. Sob tal prisma, observam como o sistema de gênero colonial moderno foi determinante na manutenção do legado da violência.

Aprofundando a discussão teórica, Igor Viana e Thiago César Carvalho dos Santos propõem uma pergunta a Judith Butler: o que pode um corpo? A partir dessa pergunta,

procuram tensionar o pensamento da filósofa para dele fazer emergir um devir monstruoso, terrorista e (an)árquico. *Limites das identidades e devir monstruoso queer: uma conversa com Judith Butler* é o artigo que dialoga com as reflexões emblemáticas de Butler sobre o corpo, as lógicas do reconhecimento, a performatividade, dimensões exploradas em torno de uma aposta *queer* em devires monstruosos do corpo como um método crítico de destituição da lei. Este diálogo inclui Giorgio Agamben, Achille Mbembe, Paul Preciado e Karen Barad.

Enfim, por meio de entrevistas semi-estruturadas, Ana Carolina Vila Ramos dos Santos, no seu artigo “*Feminismo Teen e religiosidade: Tensões na conformação de uma ética feminista por adolescentes*” focaliza as relações estabelecidas entre feminismo e religiosidade com o objetivo de explorar novas gramáticas de participação política em um contexto social marcado por noções renovadas de identidade.

A edição apresenta, ainda, uma entrevista com Nair Jane, mulher, negra, trabalhadora doméstica e liderança atuante na luta das trabalhadoras domésticas do país, intitulada - *Outras casas, outras leis* -, realizada pelo Doutor em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Victor Hugo Criscuolo Boson. A transcrição foi realizada por Jade Castro, membra do grupo de pesquisa em Direitos, Pessoas e Tecnologias (DIRPET/CNPq) e do Coletivo AFRO(en)CENA).

Em seguida, a edição publica uma tradução do artigo *The making of a White nation: The disappearance of the Black population in Argentina*, da Profa. Dra. Erika Denise Edwards, Ph.D. em História Atlântica, pela Florida International University, Miami, 2011, atualmente Professora Associada de História na University of Texas at El Paso / USA. *A formação de uma nação branca: o desaparecimento da população negra na Argentina* é o título da referida tradução, realizada pelo Prof. Dr. Florisvaldo Paulo Ribeiro Júnior. Neste relevante ensaio, a autora discute tendências da historiografia que aborda o ‘desaparecimento dos negros’ na Argentina, fundamentada na história social, nas heranças culturais e na memória. O declínio numérico da população negra, as contribuições dos negros nas artes e na linguagem, as memórias históricas de soldados, sua participação nas lutas de formação da nação, além de relações de família e de gênero, são aspectos de análises que, entretanto, evidenciam lacunas inexploradas. Entre elas, as relações entre os negros e indígenas, objeto da pesquisa de Edwards que ilumina diferentes condições legais que levaram descendentes de africanos escravizados a se

tornarem indígenas livres. Trata-se de uma das relevantes pesquisas recentes comprometidas em “devolver a cor ao passado embranquecido da Argentina”.

Por fim, duas resenhas arrematam esta edição. São elas: *Mulher e Educação: a Paixão pelo Possível*, título da resenha de Alinne Felipe da Silva Monteiro e Cleide Furtado dos Santos sobre a obra: ALMEIDA, Jane Soares de. *Mulher e Educação: a Paixão pelo Possível*. São Paulo: Editora UNESP, 1998. A segunda tem como tema o feminismo materialista, resenha de Mariana Ferreira Gonçalves e Simone Pereira Ferreira sobre a obra: CURIEL, Ochy; FALQUET, Jules (org.). *El Patriarcado al Desnudo: tres feministas materialistas*. Buenos Aires: Brecha Lésbica, 2005.

Agradecemos, imensamente, às organizadoras do dossiê, às/aos pareceristas, e às/aos autores/as, pesquisadores/as e tradutores/as, em suma, todos/as/es que contribuíram e tornaram possível mais esta edição do Caderno Espaço Feminino. Agradecimentos, também, ao Wisley Aguiar que cuida atenciosamente da editoração técnica. Um agradecimento especial, além de tantos outros, à artista, pesquisadora, curadora e crítica de arte **Renata Azambuja**, pela obra gentilmente cedida para a capa desta edição.

Boa leitura, boas reflexões, vamos em frente!!

Editoras Caderno Espaço Feminino

Obra da Capa:

Título: Sideral

Autora: Renata Azambuja

Colagem PB, 1991.

Dimensões: 46 x 35 cm